

Carimbó: entre a cópia e criação

Pedro Xavier Russo Bonetto

O presente relato descreve as atividades desenvolvidas no ano de 2018 com duas turmas do quarto ano do ensino fundamental, no componente da Educação Física, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Pezzotti, situada na capital paulista.

No mês de abril, logo após o término de um trabalho com o parkour, algumas alunas nos perguntaram se iriam apresentar alguma dança na festa junina da escola. Disseram que estavam acostumadas a dançar quadrilha e sertanejo, mas que desejavam fazer outras danças para a apresentação. De início, queriam misturar quadrilha junina com funk, disseram que tinham visto na internet. Foi quando falamos¹ que era muito importante a tematização de uma dança, todavia, isso significava que iríamos estudar vários elementos dessa dança, tematizando-a como já tínhamos feito com outras práticas corporais, ou seja, não seria a dança pela dança, com a finalidade apenas de apresentá-la na festa. As estudantes toparam e ficou decidido que conversaríamos mais sobre danças nas aulas seguintes.

E assim aconteceu, conversando sobre as possibilidades de tematização, apresentamos às turmas vários vídeos de diversas danças brasileiras. Dentre elas, bumba meu boi, boi bumbá, vaquejada, catira, forró pé de serra, dança do coco, jongo e carimbó. Assistindo aos vídeos, percebemos que as crianças não conheciam nenhuma das práticas corporais. Riam, faziam piadas, falavam que era feio, diziam que era “baiano”. A única dança que alguns já tinham ouvido falar era o carimbó, pois tinham visto na novela *Força de um querer*, a personagem Ritinha dançando.

Aparentemente, o fato de estar na novela fez com que algumas estudantes atribuíssem uma representação mais positiva ao carimbó em relação às demais, entretanto, a maioria ainda fazia piada e dizia que não iria dançar. Outras meninas, empolgadas com a utilização das saias grandes e coloridas, mobilizaram os demais colegas pedindo para que o tema das aulas fosse o carimbó. Assim, diante da possibilidade de tematizarmos elementos da cultura brasileira, mais especificamente da cultura da

¹ Escrevemos na primeira pessoa do plural pois contamos com a participação muito importante da estagiária Renata Resende e da pesquisadora Adriana Gehres. Ficam registrados nossos agradecimentos por toda colaboração nas atividades desenvolvidas.

região norte, definimos o tema. Ainda não tínhamos estudado nenhuma dança nas aulas, muito menos, práticas corporais tradicionais de outras regiões do Brasil.

Nas aulas seguintes, fomos à quadra da escola com o equipamento de som e um celular conectado à internet. Ao buscarmos as músicas do carimbó, algumas crianças começaram a arriscar alguns passos. Num primeiro momento, observando a necessidade de dançar com saias rodadas, as meninas começaram a usar suas blusas de moletom amarradas na cintura. Logo, perguntaram se poderiam trazer para a escola saias normais que elas ou a família possuíam. Nas aulas seguintes, muitas alunas levaram saias, o engraçado é que algumas não tinham saias grandes, rodadas e coloridas, ainda assim, tentaram com minissaias, saias *jeans*, saias sociais, saias justas, etc.

Nas primeiras aulas fizemos livremente a dança, procurando lembrar dos passos que tínhamos visto no vídeo. Mas não deu muito certo, era comum pouca gente tentando, sobretudo as meninas. Os meninos diziam que não dançavam porque não sabiam. Certo dia, uma das alunas sugeriu que projetássemos o vídeo de carimbó na parede para que pudessem imitar os passos. Repetimos a atividade algumas vezes no do salão de artes da escola.

Fotografia 1. Primeiras vivências do carimbó



Fonte: Imagem do autor

Algumas aulas depois, estávamos na quadra, dançando de uma forma muito parecida com a coreografia que tínhamos assistido inúmeras vezes na sala de aula e tentado copiar no salão de artes.

Com o passar do tempo, a quantidade de pessoas participando foi aumentando. Uma pergunta frequente por parte dos meninos era: *Professor menino dança também? Como que eles dançam se eles não têm saia? O que a gente faz?* Reparamos que nos dois vídeos que tínhamos assistido, em apenas um deles havia a participação de homens ou meninos.

Fotografia 2. Vídeo de carimbó utilizado como referência para a coreografia inicial.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pshEoagc0t4>. Acesso em 10 jul. 2019.

Também notamos que a música que elas pediam era sempre a mesma, *Ai menina*, da cantora Lia Sophia. Todas as demais músicas de carimbó que colocávamos os alunos e alunas reclamavam. Diziam que não eram músicas bonitas e que pareciam “de índio”. Por conta disso, fomos novamente à sala de aula e lá, com computador, projetor e caixa de som, assistimos a mais vídeos de carimbó.

Tomamos cuidado para colocar vídeos que continham a dança em seu contexto cultural de origem, ou seja, danças que eram realizadas dentro dos grupos culturais que à praticavam, pois o primeiro vídeo da companhia de dança não havia dado conta de ancorar culturalmente a prática corporal. Desta vez, a discussão foi mais densa, falamos da região norte do Brasil, sobretudo do estado do Pará. Vimos onde ele se localiza, o tamanho enorme e sua proximidade com a floresta amazônica. Descobrimos, também, que no dia 11 de novembro de 2015, o carimbó paraense foi eleito Patrimônio Cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Sobre a dança, observamos como se dá a participação dos homens. Além da saia, como as mulheres, eles também usam chapéu para acenar, cumprimentar e girar. Ouvimos

muitas músicas tradicionais, tentamos cantá-las e aprendemos sobre alguns cantores desse ritmo.

Fotografia 3. Do vídeo que assistimos, apresentação do Grupo Folclórico Rosa dos Ventos



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QM6B3CxcGQ>. Acesso em 10 jul. 2019.

Ainda durante esta aula conhecemos um pouco do grande Mestre Pinduca e a incrível Dona Onete. Primeiro assistimos uma apresentação do Grupo Folclórico Rosa dos Ventos, grupo de carimbó tradicional em Belém do Pará. Uma das músicas do vídeo chamou bastante a atenção dos alunos e alunas, o que nos levou à busca de informações sobre a letra e o cantor.

(Dança do Carimbó – Mestre Pinduca)

*Dona Maria
Que dança é essa
Que a gente dança só
Dona Maria
Que dança é essa
É carimbó, é carimbó
Dona Maria
Que dança é essa
Que a gente dança só
Dona Maria
Que dança é essa
É carimbó, é carimbó*

*Braço pra cima
Braço pra baixo*

*Agora eu já sei
Como é que é
Só falta bater a mão
Batendo também o pé
Só falta bater a mão
Batendo também o pé*

As turmas se interessaram, falavam com entusiasmo sobre o ritmo e as imagens do vídeo. A maioria deles comentou sobre os dançarinos e dançarinas, suas roupas e a coreografia. Notamos que se tratava de uma apresentação grande, bem prestigiada e o que mais se destacou foi a velocidade dos passos dos homens, seus chapéus grandes e coloridos e o momento em que a índia representada por uma das dançarinas sai de dentro do tambor. Também assistimos ao videoclipe da música *No meio do Pitiú*, da cantora Dona Onete.

Fotografia 4. Dona Onete.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CkFpmCP-R04>. Acesso em 10/ jul. 2019.

De forma geral, os alunos e alunas acharam muito legal a música, diziam que essa também era famosa, a história da garça, do urubu, mas queriam saber quem era o pitiú. Pesquisando na internet vimos que pitiú é uma gíria paraense que significa o cheiro forte de característico de peixe. Diz-se que você consegue senti-lo no Ver-o-Peso, a maior feira livre da América Latina, localizada em Belém do Pará.

(No meio do pitiú – Dona Onete)

*A garça namoradeira
 Namora o malandro urubu
 Eles passam a tarde inteira
 Causando o maior rebu*

*Na doca do Ver-o-Peso
 No meio do Pitiú
 No meio do Pitiú, no meio do Pitiú
 No meio do Pitiú, no meio do Pitiú*

*Eu fui cantar carimbó
 Lá no Ver-o-Peso
 Urubu sobrevoando
 Eu logo pude prever
 Parece que vai chover
 Parece que vai chover
 Depois que a chuva passar
 Vou cantar carimbó pra você*

As atividades reverberaram nas aulas na quadra. Já no dia seguinte, os estudantes pediram a música do mestre Pinduca, cantavam e dançavam fazendo a coreografia que a música descreve, “braço pra cima, braço pra baixo, agora eu já sei como é que é, só falta bater a mão, batendo também o pé”. Sem reclamar nem pronunciar falas negativas, as turmas dançaram outras músicas de carimbó que apareciam na internet do celular.

Observando a dificuldade de dançar carimbó com as saias que tínhamos, conversamos com as estudantes e, juntos, solicitamos à diretora da escola que adquirisse tecido de chita para que coletivamente fizéssemos as saias. A ideia era utilizar um molde, cola de tecido e barbante. Todavia, a compra dos tecidos foi demorando... demorando...

Várias vezes as meninas da turma se juntaram e foram à diretoria. Pacientemente, a diretora explicava que estava aguardando verba e a disponibilidade de alguém da gestão para comprar o tecido. Essa cobrança mostrou o quanto as estudantes estavam interessadas na dança.

Com intuito de problematizar os discursos que haviam circulado sobre o carimbó, promovemos uma pesquisa na sala de informática a respeito da origem da dança. Eis que na aula seguinte muitas crianças trouxeram seus registros. Aprendemos que o carimbó tinha relação com os povos indígenas. De acordo com os sites consultados, o carimbó era uma dança de roda inspirada naquelas que os escravos africanos costumavam fazer. Posteriormente, foram incorporadas influências dos povos indígenas que habitavam a região norte do Brasil, bem como influências das danças portuguesas. Vimos que a

palavra carimbó é de origem tupi, onde o termo *korimbó* (pau que produz som) é a junção dos elementos *curi*, que significa “pau”, e *mbó*, que significa “furado”.

Sobre a nossa prática que havia começado em abril, quando tentávamos copiar as coreografias da internet, aos poucos foi virando uma experiência criativa, de certa forma não sabíamos mais o que era copiado, o que era criação dos próprios alunos e alunas. Conforme as aulas iam acontecendo, as crianças sugeriam modificações, indicando novos passos, reorganizando aqueles que já sabíamos, assim, nossa forma de dançar foi sendo produzida.

Fotografia 5. Dançando carimbó na quadra.



Fonte: Imagem do autor.

Foram muitas aulas dançando, começávamos separados meninas de um lado, meninos de outro. Depois fazíamos uma grande roda, onde os meninos circulavam as meninas e vice-versa. Na parte final, as meninas iam para um canto da quadra enquanto os meninos dançavam trocando os chapéus, tal como foi visto na apresentação do grupo Rosa dos Ventos.

Não satisfeitos, voltamos a pesquisar outros vídeos e materiais. Foi quando nos deparamos com algumas fontes que distinguem tipos de carimbó. A explicação é que o carimbó é uma dança feita pelos trabalhadores no fim do expediente e os tipos de carimbó surgiram em decorrência da ocupação profissional dos participantes, as quais variam conforme a localização no estado. Aprendemos que as atividades laborais dão origem à letra das músicas. Constatamos a existência do carimbó praieiro, pastoril e rural.

As danças eram muito parecidas. Geralmente iniciam com o convite do menino/homem para a menina/mulher. Elas recusam em um primeiro momento, giram, desdenham passando a saia no rosto deles. No fim da dança, as meninas/mulheres aceitam dançar com os melhores dançarinos, aqueles que melhor as cortejam. A diferença entre os estilos reside nas letras e vestimentas dos grupos de dança, mas isso não despertou a curiosidade das turmas. Por outro lado, os estudantes mostraram interesse pelo ritual da dança do peru ou, simplesmente, carimbó do peru.

Nessa dança, as meninas/mulheres jogam um lenço no chão para que seja apanhado pelos meninos/homens com a boca e as mãos para trás, sem flexionar os joelhos. Observamos vários vídeos e procuramos repetir o gesto na quadra, o que se tornou um desafio. Gostaram tanto que quiseram incluir o ritual do peru e o cortejo das dançarinas na coreografia que estávamos preparando. Após a brincadeira de trocar os chapéus, as meninas formavam uma fila no fundo da quadra enquanto os meninos tinham que pegar o lenço. A música usada nos ensaios ainda era a da Lia Sophia, mas durante as aulas eles dançavam e cantavam qualquer uma, mostrando que reconheciam o estilo de dança.

Fotografia 6. Dançando carimbó do peru.



Fonte: Imagem do autor.

Ao longo de três meses dançamos e conhecemos muitos elementos do carimbó. Assistimos a muitos vídeos, observamos os passos, os tipos de carimbó, o contexto cultural da dança no estado do Pará, o Mestre Pinduca e a Dona Onete, entre outros aspectos. O tecido das saias prometido pela gestão da escola chegou às vésperas da festa da escola. Em função do pouco tempo disponível, desistimos de confeccioná-las nas

aulas. Uma professora ofereceu-se para fazê-lo em sua máquina de costura. Como disseram que seria melhor do que usar cola de tecido, tornamos a aguardar.

Faltando um dia para a apresentação as saias ficaram prontas. A entrega foi festejada. As meninas adoraram usá-las, parecia que assim não faltava mais nada. Engraçado foi perceber o interesse de alguns meninos pela saia, muitos pediram para usá-las, queriam provar e experimentar como ficavam quando giravam. Dividimos o material com quem quisesse dançar, incluindo alguns meninos. Outros começaram a chamá-los de bichas, dizendo que saia era coisa de menina e que não iriam dançar assim. Registramos esses discursos e prosseguimos com o ensaio e demais preparativos.

Fotografia 7. Último ensaio antes da festa.



Fonte: Imagem do autor.

No dia da festa as coisas aconteceram de forma bastante interessante. Todos os pais, responsáveis, alunos, alunas, professores e professoras sentaram-se na arquibancada da quadra e a apresentação aconteceu tal como ensaiado. Dançamos duas vezes. Havíamos combinado de convidar quem estava assistindo para dançar junto.

Fotografia 8. Apresentação de carimbó na festa da escola.



Fonte: Imagem do autor.

Foi uma experiência bastante alegre, que atraiu muitos elogios e comentários positivos. Os responsáveis valorizaram a produção das crianças, agradeceram pelo trabalho desenvolvido, disseram que era importante conhecer a dança uma vez que fazia parte da cultura popular brasileira, entre outros comentários.

Passada a festa, sentamos em roda, conversamos sobre a experiência com o carimbó. Os alunos e alunas avaliaram o projeto positivamente. Disseram que aprenderam bastante sobre uma dança que pouco conheciam. Quando anunciamos que agora era hora de mudar o tema das aulas, uma vez que já estávamos tematizando o carimbó há bastante tempo, quase todas as crianças disseram que não queriam mudar o tema, pois gostavam muito de dançar carimbó. Questionados se carimbó era *coisa de índio*, disseram que sim, que era uma dança com elementos de várias culturas. Perguntamos se quem usava saia era bicha e se o fato de usarmos durante a dança implicaria de alguma forma na nossa sexualidade, muitos ficaram surpresos, pois achavam que tínhamos escutado. Os poucos que haviam dito isso ficaram com vergonha de reafirmar tais representações e a maioria afirmou que era apenas uma brincadeira, uma dança, diversão e que tinha nada a ver com questões sexuais ou de gênero.

Quando lembramos que as saias tinham ficado prontas há pouco tempo, um dia antes da apresentação, e que foram utilizadas somente duas vezes, decidimos montar novamente o equipamento de som na quadra, vestimos as saias e caímos na dança.

Buscando desnaturalizar a configuração das filas e gestos específicos para meninos/homens e meninas/mulheres, convidamos os estudantes a misturar tudo. Nessa

aula não íamos mais fazer a coreografia, ao invés disso, íamos dançar livremente, como em um baile, uma festa. Foi bastante interessante, alguns meninos de saia, girando, passando a barra das saias no rosto das outras pessoas, algumas meninas fazendo a dança do peru, aquela mesma que antes era exclusiva dos meninos/homens.

Por mais algumas aulas ressaltamos que era comum que as danças tradicionais reproduzissem determinados papéis sociais, bem como funções específicas para homens e mulheres. Mas, no âmbito escolar, estávamos abertos a ressignificar toda prática cultural, tornando-a mais sensível às inúmeras condições com que a diferença dos alunos e alunas se apresenta.

Fotografia 9. O professor e os meninos de saia, fazendo o desafio do carimbó do peru.



Fonte: Imagem do autor.

Encerramos a experiência com uma avaliação bastante positiva, elaborada a partir de todos os registros que fizemos durante o semestre. Indicamos que a atribuição de notas não considerou quem dança bem, ou quem participa mais das aulas. Os registros indicam um aumento qualitativo e quantitativo na participação de todos os envolvidos. Pensamos que os resultados obtidos extrapolaram a mera apresentação de uma coreografia em um evento escolar. Ampliamos consideravelmente nossos saberes em relação ao carimbó e todo espectro cultural que o envolve. Aprofundamos os conhecimentos sobre as músicas, os gestos, o contexto histórico e cultural da prática tematizada. Por fim, ressignificamos a dança, adaptando e criando gestos e coreografias que se tornaram singulares, tudo isso sem que descontextualizássemos toda rica produção cultural já existente sobre o carimbó.

Trata-se de um movimento complexo, sempre duplo de (re)produção, reconhecimento e promoção, cópia e criação.